

TIMOTHY KELLER

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

**A
CRUZ
DO
HERD
H**

“Este livro apresenta os grandes temas do evangelho de forma vívida e comovente. [...] O insight mais simples e incisivo de Keller é que o cristianismo não é um bom conselho, mas sim a boa-nova.”

— **Dr. Rown Williams, arcebispo da Cantuária, Inglaterra**

“A Igreja Presbiteriana Redeemer é incrivelmente tradicional. O que foge do tradicional é a habilidade do dr. Keller em falar a mesma língua de sua audiência cosmopolita. [...] Quando observamos seu jeito professoral é fácil entender por que ele atrai tantas pessoas.”

— **The New York Times**

“Se daqui a cinquenta anos os cristãos forem conhecidos por seu amor pelas grandes cidades, pelo compromisso com a justiça e a compaixão, e pelo amor ao próximo, Timothy Keller será lembrado como um pioneiro dentre esses novos cristãos urbanos.”

— **ChristianityToday**

O ministério de Timothy Keller em Nova Iorque tem levado uma geração de céticos e de pessoas em busca da verdade a crer em Deus. Dou graças a Deus por ele.

— **Billy Graham**

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11

PARTE 1 O REI

A identidade de Jesus

Capítulo 1 -- A dança.....	23
Capítulo 2 -- O chamado.....	33
Capítulo 3 -- A cura.....	45
Capítulo 4 -- O descanso.....	55
Capítulo 5 -- O poder.....	67
Capítulo 6 -- A espera.....	79
Capítulo 7 -- A mancha.....	91
Capítulo 8 -- A aproximação.....	107
Capítulo 9 -- A volta.....	119

PARTE 2 A CRUZ

O propósito de Jesus

Capítulo 10 -- A montanha.....	137
Capítulo 11 -- A armadilha.....	149

Capítulo 12	· O resgate.....	165
Capítulo 13	· O templo	181
Capítulo 14	· A festa	193
Capítulo 15	· O cálice.....	203
Capítulo 16	· A espada	213
Capítulo 17	· O fim	225
Capítulo 18	· O começo	245
 <i>Conclusão</i>		259

AGRADECIMENTOS

NENHUM LIVRO CHEGA às mãos dos leitores sem o trabalho de muitas pessoas além do autor, algo que aconteceu, sobretudo, com este livro. Quero agradecer a Brian Tart, meu editor, por seu trabalho sempre brilhante de sugerir acréscimos e cortes no texto. Esta obra também tem uma grande dívida para com meu agente, David McCormick que, além de lidar com maestria com seus deveres de agente, também foi o arquiteto do acordo para a criação do selo Redeemer. Este livro é o primeiro fruto desse acordo.

De maneira particular, gostaria de agradecer a Scott Kauffmann e Sam Shammias, pessoas que tomaram a frente dos esforços para o desenvolvimento de conteúdo do selo Redeemer. Descobrimos que transformar material de pregações em algo para ser lido não é assim tão fácil quanto parece — ou, pelo menos, não tão fácil quanto imaginávamos.

O livro de Marcos talvez seja o Evangelho que mais estudei e preguei ao longo do meu ministério. Elaborei duas séries de estudos bíblicos para pequenos grupos sobre o Evangelho de Marcos, e também já preguei pelo menos três séries de mensagens sobre Marcos, além de muitos sermões avulsos.

Assim, quando me sugeriram transcrever e publicar os sermões mais recentes que eu havia feito em Marcos, estava seguro de que o material precisaria de uns meros ajustes para estar pronto para publicação. Não poderia estar mais enganado!

O processo de transformação começou com Laurie Collins, uma velha amiga estenógrafa de tribunal, que fez uma transcrição fiel dos meus sermões gravados, tendo completado cada fragmento de oração

que, em geral, deixamos pela metade no discurso oral. Depois o trabalho passou para as mãos de uma nova amiga, Ruth Goring, que se dedicou a limpar do texto todos aqueles traços de oralidade que mal notamos quando alguém faz um sermão, mas que são profundamente irritantes se presentes na leitura de um texto. O resultado de todo esse processo foi um texto mais limpo, porém sem vida, quando eu deveria ter um texto vibrante, repleto da mesma intensidade que Marcos infundiu em seu relato da vida de Jesus.

E foi somente no último minuto, quando Scott e Sam puseram as mãos na massa, pegaram o texto e trabalharam nele noite e dia sem cessar (sob a pressão de um prazo final apertado), que o texto veio a assumir a vivacidade que hoje possui. Um simples “muito obrigado” não é suficiente para agradecer os sacrifícios que todas essas pessoas fizeram e a ajuda que me deram; portanto, dedico esta obra a elas, e espero contar com sua parceria em muitos outros projetos no futuro.

INTRODUÇÃO

PARA MINHA SURPRESA, nas décadas recentes a quantidade de atenção que a cultura em geral dispensa ao Jesus histórico tem aumentado. A cada ano, à medida que a Páscoa se aproxima, surgem diversos destaques de mídia acerca de Jesus. Nesta última Páscoa, a editora da seção de religião da *Newsweek*, Lisa Miller, explicou que “a Páscoa é [...] uma celebração do ato final da Paixão, no qual Jesus ressuscitou de seu sepulcro, em corpo, três dias após ser executado. [...] Os Evangelhos insistem na veracidade desse acontecimento sobrenatural. [...] Jesus morreu e ressuscitou para que todos os seus seguidores pudessem, no futuro, fazer o mesmo. Essa história tem forçado a credulidade até mesmo do mais devotado dos fiéis. Pois, sinceramente falando, ela não é crível”.¹

Em seu artigo para o jornal *The Times* (publicado no Reino Unido), “Myth or History: The Hard Facts of the Resurrection” [Mito ou história: os difíceis fatos da ressurreição], Geza Vermes propõe a seguinte questão: “No coração da mensagem do cristianismo, encontre-se a ressurreição de Jesus. O principal arauto dessa mensagem, São Paulo, proclama de forma bem direta: ‘se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil’. De que modo essa afirmação, reforçada por dois mil anos de reflexão teológica, se compara com aquilo que os Evangelhos nos dizem sobre a primeira Páscoa? Trata-se de um mito ou contém um fundo de verdade?”²

¹Lisa MILLER, *Newsweek*, 25/10/2010.

²Geza VERMES, “Myth or History: The Hard Facts of the Resurrection,” *Times of London*, 06/04/2009.

Nanci Hellmich, escrevendo para o *USA Today*, disse que “Dois pesquisadores analisaram os tamanhos dos pratos e das porções de comida em 52 das mais famosas pinturas da *Última Ceia* e descobriram que o tamanho das porções nas pinturas aumentou de forma dramática ao longo do último milênio.”³ A imprensa tem muito a dizer sobre Jesus.

E, evidentemente, eles não são os únicos. Não seria um exagero dizer que o tema Jesus é em si mesmo um gênero que aparece em obras como biografias resultantes de cuidadosas pesquisas, comentários acadêmicos do texto bíblico, obras de crítica histórica, de ficção especulativa, antimitologias, e tudo que se possa imaginar entre uma ponta e outra desse amplo espectro.

Nessa corrente aparentemente inesgotável de palavras e pensamento acerca de Jesus, eu cautelosamente insiro este livro. Trata-se de uma extensa meditação sobre a histórica premissa cristã de que a vida, morte e ressurreição de Jesus constituem o evento central da história humana e cósmica, assim como o princípio organizador central da vida de todos nós. Dito de outra forma, toda a história do mundo — e o modo como nós nos encaixamos nela — é mais claramente compreendida quando analisamos de forma direta e atenta a história de Jesus. Meu propósito aqui é tentar mostrar, por meio das palavras e atos de Jesus, a forma maravilhosa como a vida dele dá sentido à nossa vida.

UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Se pretendemos investigar sua vida, a fim de esclarecermos se Jesus realmente viveu, morreu e ressuscitou, para saber se a história da Páscoa contém mesmo um “fundo de verdade” ou, quem sabe, contém a chave para a história, precisamos nos voltar para os Evangelhos, os documentos históricos que contam a história de Jesus. Eles foram intitulados de acordo com os nomes de seus autores: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Grande parte desse recente gênero sobre Jesus consiste de discussões acerca de os Evangelhos serem ou não registros confiáveis da vida de Jesus. Há duzentos anos alguns estudiosos começaram a dizer que

³Nanci HELMICH, *USA Today*, 23/03/2010.

os Evangelhos eram tradições orais que foram embelezadas com vários elementos lendários ao longo de gerações, e não foram escritos senão mais de cem anos após os fatos da vida de Jesus.⁴ Ao longo dos anos, essas alegações têm convencido muita gente de que não podemos saber quem Jesus realmente foi. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, e George Eliot, escritor inglês, perderam a fé cristã, em grande parte devido à leitura da cétrica obra *Life of Jesus Critically Examined* [A vida de Jesus examinada de forma crítica], escrita por David Strauss, e a cada ano milhares de estudantes veem suas convicções balançadas do mesmo modo pela típica matéria de faculdade, “a Bíblia como literatura”.

Contudo, há um movimento contrário a tudo isso. Há 150 anos as pessoas afirmavam com a maior confiança que jamais houve Evangelho algum antes da terceira década do segundo século d.C. No entanto, ao longo do século passado, tornou-se irrefutável a evidência de que os Evangelhos foram escritos muito antes disso, ou seja, durante o período em que viveram muitas das testemunhas oculares da vida e morte de Jesus.⁵ Isso levou a “inversões de fé”, como nos casos bastante conhecidos de Anne Rice e A. N. Wilson. Este último, um biógrafo, escreveu *Jesus: A Life* [Jesus: uma vida], em 1992, obra que tinha como pressuposto a tese de que os Evangelhos eram quase que inteiramente lendas. No entanto, em 2009 ele revelou como havia voltado para a fé cristã após anos de ateísmo, em que escrevia livros que atacavam o

⁴Dois bons estudos panorâmicos sobre como esse ceticismo acerca dos Evangelhos se desenvolveu podem ser encontrados em Ben Witherington, *The Jesus quest: the third search for the Jew of Nazareth*, 2ª edição. Downers Grove: IVP, 1997. Também em N. T. Wright, *Who was Jesus*. Londres: SPCK, 1992.

⁵Para estudos de nível mais popular, veja C. Blomberg, *The historical reliability of the Gospels*. Downers Grove: IVP, 1987. Craig A. Evans, *Fabricating Jesus: how modern scholars distort the Gospels*. Downers Grove: IVP, 2008. Veja também a obra mais antiga e popular de F. F. Bruce, *The New Testament documents: are they reliable?* Eerdmans: reeditado em 2003 com um prefácio escrito por N. T. Wright. Para análise das bases filosóficas de muitos desses estudos bíblicos cétricos, veja C. Stephen Evans, *The historical Christ and the Jesus of faith*. Oxford University Press: 1996. Veja ainda Alvin Plantinga, “Two (or more) kinds of Scripture Scholarship”. In: *Warranted Christian Belief*. Oxford, 2002.

cristianismo.⁶ Anne Rice, uma escritora de romances, havia perdido a fé nos tempos de faculdade, mas quando começou a ler as obras de renomados estudiosos da Bíblia, ela veio a descobrir que:

Toda a tese em prol de um Jesus não divino que foi parar em Jerusalém e de algum modo acabou crucificado por ninguém, esse Jesus que nada teve a ver com a fundação do cristianismo e que ficaria horrorizado com ele se o conhecesse — todo esse panorama que era veiculado nos círculos liberais que eu como atea frequentei por trinta anos —, essa tese não vingou.⁷

Richard Bauckham, em sua obra *Jesus and the Eyewitnesses* [Jesus e as testemunhas oculares], apresenta o argumento mais conclusivo de que os Evangelhos não eram tradições orais que se desenvolveram ao longo do tempo, mas sim *histórias* orais que foram escritas a partir dos relatos das próprias testemunhas oculares, as quais ainda estavam vivas e atuantes na comunidade.

Ele cita extensas evidências de que por décadas após a morte e ressurreição de Jesus as pessoas que foram curadas por ele falavam de suas experiências, como o homem paraplégico que foi baixado até Jesus através do teto de uma casa; a pessoa que carregou a cruz para Jesus, Simão de Cirene; as mulheres que assistiram Jesus ser colocado na tumba, como Maria Madalena; e os discípulos que haviam andado com Jesus por três anos, como Pedro e João — enfim, todas essas pessoas que participaram da vida de Jesus repetiam constante e publicamente esses episódios com riqueza de detalhes. Por décadas, essas

⁶A. N. WILSON, “Why I believe again”, *The New Statesman*, 02/04/2009. Diferentemente de Rice, o retorno de Wilson à fé não veio tanto de uma análise dos estudos bíblicos, mas das fraquezas que ele viu nas objeções filosóficas ao cristianismo. Contudo, a publicação *The New Statesman* acompanha seu artigo sobre seu retorno à fé com uma caricatura irônica de Wilson carregando seu cético livro sobre Jesus, lançado em 1992, só que agora olhando para cima, para o céu.

⁷Anne RICE, *Christ the Lord: out of Egypt*. Nova York: Ballantine, 2005, p. 332. Embora a relação de Rice com a igreja e o cristianismo institucionalizado continue complicada, ela voltou a crer que a Bíblia nos dá um retrato fiel de Jesus.

testemunhas oculares contaram as histórias do que havia acontecido com elas. Mateus, Marcos, Lucas e João registraram essas histórias por escrito e, então, temos os Evangelhos.

Bauckham também observa que os Evangelhos são por demais contraproducentes em termos de conteúdo para serem lendas. Por exemplo, é espantoso o fato de que, nos próprios documentos que deram origem à igreja cristã, tivéssemos um registro de que um dos grandes líderes da igreja, Pedro, tivesse cometido uma falha enorme, chegando mesmo a negar Jesus em público. A única fonte crível para o relato da negação de Pedro e traição de Jesus seria o próprio Pedro: ninguém mais poderia ter conhecimento dos detalhes que nos são fornecidos. E ninguém na igreja primitiva teria a ousadia de chamar a atenção para a fraqueza de um de seus líderes mais importantes e respeitados com tamanha franqueza — a menos que essa fraqueza em si fosse uma parte importante da história. E a menos, é lógico, que o relato fosse verdadeiro.

O EVANGELHO DE MARCOS

Para o propósito deste livro, senti que a melhor maneira de explorar a vida de Jesus não era fazer um panorama de todos os Evangelhos, mas sim analisar uma única e coerente narrativa: uma narrativa que se concentrasse intencionalmente nas verdadeiras palavras e atos (especialmente nos atos) de Jesus. E isso me levou ao Evangelho de Marcos.

Quem foi Marcos? A fonte de resposta mais antiga e importante vem de Papias, bispo de Hierápolis até o ano de 130 d.C., que disse que Marcos havia atuado como secretário e tradutor de Pedro, um dos primeiros entre os doze discípulos ou seguidores de Jesus, e que “escreveu acuradamente tudo quanto ele [Pedro] se lembrou”. Esse testemunho é de singular importância, uma vez que há evidência de que Papias (que viveu de 60 a 135 d.C.) conheceu pessoalmente João, outro dos primeiros e mais próximos discípulos de Jesus.⁸ A

⁸Veja D. A. CARSON e Douglas J. MOO, *An introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2005, p. 173.

obra de Bauckham demonstra que, de fato, Marcos menciona Pedro proporcionalmente mais do que qualquer dos outros Evangelhos. Se você folhear o livro de Marcos, verá que nada acontece sem que Pedro esteja presente. Todo o Evangelho de Marcos, portanto, é quase que certamente o testemunho ocular de Pedro.

Há outra razão para basearmos nossa investigação da vida de Jesus no Evangelho de Marcos. A leitura de Marcos não dá a impressão de ser uma história árida. A narrativa é escrita no presente, e usa com frequência palavras como “imediatamente” para encher o relato de ação. É impossível deixar de notar a velocidade abrupta da narrativa que chega a nos deixar sem fôlego. Portanto, o Evangelho de Marcos transmite algo importante sobre Jesus. Ele não é apenas uma figura histórica, mas uma realidade viva, uma pessoa que fala conosco, *nos dias de hoje*. Já na primeira sentença de seu Evangelho, Marcos nos conta que Deus entrou no curso da história. Seu estilo comunica um sentido de crise, de que o *status quo* foi rompido. Não podemos mais pensar na história como um sistema fechado de causas naturais. Não podemos mais pensar em nenhum sistema, tradição ou autoridade humanos como inevitáveis ou absolutos. Jesus veio; tudo pode acontecer agora. Marcos quer que vejamos que a vinda de Jesus pede uma ação decisiva. Jesus é visto como um homem de ação, que se move de acontecimento para acontecimento de forma rápida e decisiva. No Evangelho de Marcos há relativamente pouco do *ensino* de Jesus — nele vemos, principalmente, Jesus em *ação*. Portanto, não podemos continuar em cima do muro; temos que responder de forma ativa.

O REI E A CRUZ

Pode ser que você conheça King’s Cross [a cruz do rei] como uma estação de trem de Londres, Inglaterra, que foi imortalizada nos livros de Harry Potter. No entanto, o nome engloba com tamanha perfeição o sentido da vida de Jesus que não pude resistir a tomá-lo emprestado para o título deste livro.

Veja só, o Evangelho de Marcos possui mais uma característica que o torna ideal para nossos propósitos aqui. O relato de Marcos acerca da vida de Jesus nos é apresentado em dois atos simétricos: a *identidade* de Jesus como Rei sobre todas as coisas (nos capítulos 1 a 8 de Marcos) e seu *propósito* em morrer na cruz (nos capítulos 9 a 16 de Marcos).

A estrutura deste livro segue seu título: ele tem duas partes (“o Rei” e “a cruz”), cada qual composta de vários capítulos, sendo que cada capítulo explora uma parte essencial dessa história contada no Evangelho de Marcos.

Todos os livros são seletivos quanto àquilo que incluem, inclusive os próprios Evangelhos; João termina seu Evangelho com as palavras “Jesus realizou ainda muitas outras coisas; se elas fossem escritas uma por uma, creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.25). Eu optei por concentrar o foco em uma certa quantidade de textos específicos em Marcos, os quais eu acredito que traçam melhor a narrativa da vida de Jesus, ou por ampliar o foco em temas acerca de sua identidade e propósito. Isso significa que um punhado de passagens bastante conhecidas não são tratadas em detalhes neste livro. Confio que você achará a pessoa de Jesus digna de sua atenção: imprevisível, embora confiável; gentil, embora poderosa; dotada de autoridade, embora humilde; humana, mas também divina. Insisto para que você pondere seriamente sobre o significado da vida de Jesus em sua própria vida.

NOSSA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Embora eu tenha crescido em uma igreja cristã, foi somente na faculdade que encontrei a fé vital em Jesus, que transformou minha vida. Um dos veículos para esse despertar espiritual foi a Bíblia, especialmente os relatos do Novo Testamento. Eu havia estudado a Bíblia antes disso. Quando frequentei as aulas de preparação para

minha profissão de fé na igreja, tive que memorizar as Escrituras. No entanto, durante meus tempos de faculdade, a Bíblia ganhou vida de um modo que é difícil de descrever. A melhor maneira de dizer isso é que, antes dessa mudança, eu estudava a Bíblia com toda atenção, questionando-a e analisando-a. Mas depois dessa mudança era como se a Bíblia, ou talvez Alguém por meio da Bíblia, começasse a me estudar, me questionar e analisar.

Pouco tempo depois dessa transformação, eu me deparei com uma reportagem de revista intitulada “O livro que me entende”, escrita por Emile Cailliet, professor de filosofia do Seminário Teológico de Princeton.⁹ No seu tempo de faculdade, ainda na França, ele tinha sido agnóstico. Ele terminou a universidade sem nunca ter de fato visto uma Bíblia. Então, ele serviu no exército durante a Primeira Guerra Mundial. Sobre isso, ele escreveu: “A inadequação de minhas perspectivas a respeito da condição humana me oprimiam por completo. De que adiantam [...] as provocações filosóficas da academia, quando seu companheiro — que naquele momento falava para você da mãe dele — morre bem ali, na sua frente, com uma bala no peito?”

Então, ele também foi atingido por uma bala, e começou a se recuperar durante um longo período de internação em um hospital. Ao ler literatura e filosofia, ele começou a ter um curioso anseio — “devo confessar isso, por mais estranho que possa parecer — eu ansiava por encontrar um livro que me entendesse.” E uma vez que ele não conhecia nenhum livro desse tipo, decidiu montar um livro assim para si mesmo. Ele lia muito e sempre que se deparava com um trecho que o afetasse de forma especial, que “falasse à minha condição”, ele o copiava em um caderno de bolso com capa de couro. Ele esperava que “aquilo fosse me transportar do medo e da angústia, através de diversos estágios intermediários, para expressões supremas de libertação e júbilo”.

⁹Emile CAILLIET, “The book that understands me”. In: Frank E. GAEBELEIN, ed, *A Christianity Today reader*. Tappan: Fleming Revell, 1968, p. 22.

PARTE 1

**O
REI**

A IDENTIDADE DE JESUS

A DANÇA



Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Conforme está escrito no profeta Isaías: Estou enviando à tua frente meu mensageiro, que preparará teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas.

Assim apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para perdão dos pecados (Mc 1.1-4).



MARCOS NÃO PERDE tempo em revelar a identidade daquele que é o tema de seu livro. De forma abrupta e direta, ele afirma que Jesus é o “Cristo” e o “Filho de Deus”. *Christos* é um termo grego que significa uma “figura real ungida”. Era outro modo de se referir ao “Messias”, aquele que iria vir e aplicar o governo de Deus na terra, salvando Israel de todos os seus opressores e problemas. Ele não seria apenas mais *um* rei, mas sim *o* Rei.

No entanto, Marcos não chama Jesus apenas de “Cristo”; ele vai mais além. “Filho de Deus” é um termo incrivelmente ousado que vai além da compreensão popular acerca do Messias naquele tempo. É uma afirmação de total divindade. Marcos, então, aumenta as apostas e faz a suprema declaração. Citando a passagem profética de Isaías,

A CRUZ DO REI

São inúmeros os relatos já escritos sobre a vida do homem mais influente que já andou sobre a face da Terra. Será que ainda existe algo mais a ser dito?

O renomado pastor Timothy Keller, autor de vários *best-sellers* que figuram na lista do *New York Times*, acredita que sim. Nesta obra ele lança um olhar inovador e surpreendente sobre a vida de Jesus, a fim de explicar não apenas o caminho para a vida eterna, mas também a história e o propósito do nosso mundo.

Keller, que alguns já chamaram de “o C. S. Lewis do século 21,” demonstra que Jesus veio a este mundo como rei, mas um rei que teve de carregar um fardo que ninguém jamais suportou. *A Cruz do Rei* traz um relato da vida de Cristo no Evangelho de Marcos, mas apresentado sob a ótica de Keller. Por meio desse relato, descobrimos o significado cósmico, histórico e pessoal da vida de Jesus, e somos desafiados a reexaminar nosso relacionamento com Deus.

A Cruz do Rei é uma obra que pode ser lida tanto por céticos quanto por cristãos — ou seja, ela fala a todos que buscam uma ligação mais estreita com Jesus e o cristianismo. Keller faz uma apresentação inesquecível de Jesus Cristo, que deixará impressões marcantes na vida de cada leitor.

ISBN 978-85-275-0505-5



9 788527 505055



VIDA NOVA

www.vidanova.com.br